



O psicodelismo e a atuação feminina no cenário brasileiro: Um olhar para os encartes de disco e a produção sonora do rock psicodélico em seus anos iniciais (1968-1974)

Nathália Andrião Trotta

Documentação e História da Música
nathaliaandriao@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é mapear a produção musical feminina no rock psicodélico brasileiro mainstream em seus anos iniciais (1968-1974). É de interesse desta pesquisa identificar e analisar as diferentes influências, performances e particularidades desenvolvidas pelas bandas aqui selecionadas. De uma forma preliminar, serão esmiuçadas algumas capas e contracapas de álbuns com o intuito de obter uma maior compreensão acerca da arte visual produzida no contexto do rock psicodélico no período histórico mencionado.

Palavras-chave: Rock psicodélico brasileiro; Produção Feminina no rock; Psicodelia brasileira

Psychedelia and Female Performance in Brazil: A Look at the Album Inserts and the Sound Production of Psychedelic Rock in the Early Era (1968-1974)

Abstract: The aim of this research is to map the production by Brazilian female artists in the psychedelic rock mainstream in the early era (1968-1974). It is of interest to this research, identify and analyse the different influences, performances and particularities that were developed by the bands selected. Some album covers and back covers will be displayed here in order to obtain a better understanding of the visual art produced in the context of psychedelic rock in the historical period mentioned.

Keywords: Brazilian psychedelic rock; Female production in rock; Brazilian psychedelia

1 Introdução

É de interesse desta pesquisa mapear a produção feminina brasileira no rock psicodélico em seus anos iniciais, assim como, pretende-se identificar as diferentes influências e performances do rock psicodélico realizado no Brasil e as particulares desenvolvidas pelas bandas selecionadas. O objetivo de delimitar esta pesquisa ao período histórico de 1968 a 1974, depreende-se do fato de acreditar que neste período em específico, a efervescente produção musical no rock esteve vinculada a outras produções musicais, como, por exemplo, a proposta artística do movimento tropicalista.¹ Um dos motivos de escolha do subgênero rock psicodélico

¹ Movimento artístico que surgiu no Brasil entre 1967 e 1968 influenciado pelo Concretismo, Antropofagismo – proposto por Oswald de Andrade – com manifestações na cultura de arte popular nas artes visuais, música, cinema, poesia, teatro e afins. No caso da música, foi de interesse dos artistas que faziam parte do movimento, modificar a trajetória que estava sendo percorrida da música popular brasileira, tendo como objetivo, procurar novos significados através da manifestação musical. Para os tropicalistas, esta ressignificação da música é manifestada através da fusão de elementos da música popular brasileira junto ao que estava sendo realizado no contexto da *art*

em específico, foi por encontrar uma maior produção musical realizada por mulheres neste contexto do que, por exemplo, no rock progressivo, subgênero este popularizado nos anos seguintes.

Corroborando com a opinião de Resende (2016, p. 12), as capas, contracapas e encartes de discos no rock, são importantes elementos de estética, identidade e de “performance inscrita”. Logo, a análise visual em questão, também contribui para a proposta do fazer musical, visto que a imagem dentro deste contexto de performance, aparece como um complemento ou uma continuação do que está a ser proposto na produção musical.

O referencial adotado para a análise do design das capas e contracapas de álbuns será adaptado da metodologia de análise iconográfica e iconológica proposta por Erwin Panofsky (2011). Para o historiador da arte, existem três níveis de interpretação de uma obra de arte visual:² Em seu primeiro nível (“tema primário ou natural”), a análise se configura em uma descrição pré-iconográfica das qualidades de expressão através da pose ou gesto identificado e “identificação das formas puras” relacionadas às “configurações de linha e cor”. No segundo nível, intitulado “tema secundário ou convencional” (p. 50), é realizada a análise iconográfica³ por identificação, descrição e classificação da imagem. Enquanto que no terceiro nível, “significado intrínseco ou conteúdo”, é realizada uma análise iconológica da obra de arte, ou seja, são analisados os símbolos e elementos de importância que foram coletados nas duas primeiras fases.⁴

Tendo como interesse o estudo do corpo social feminino, é primordial para esta pesquisa, a “[...] discussão sobre a imagem e a corporeidade como agentes importantes na perpetuação de sentidos e formas de representação do feminino [...]” (NOGUEIRA, 2014, p. 524). Com o intuito de pesquisar as diferentes propostas do fazer musical dentro do rock psicodélico, para esta pesquisa foram selecionadas as artes dos álbuns *Mutantes e Seus Cometas*

pop desenvolvida no cenário norte americano e inglês, *happening*, *body art*. Ressalta-se o interesse na manifestação musical em utilizar elementos eletrificados, um novo linguajar corporal e uma crítica social vinculada à ironia.

² Entretanto, essas categorias diferenciadas não são divididas nitidamente, segundo o autor, as categorias “[...] no quadro sinóptico parecem indicar três esferas independentes de significado, na realidade se referem a aspectos de um mesmo fenômeno, ou seja, à obra de arte como um todo. [...]” (PANOFSKY, 2011, p. 64).

³ A iconografia para Panofsky seria espécie de relato do que está a ser apresentado na imagem, através da descrição, coleta e classificação da imagem levantada. Contudo, “[...] a iconografia é de auxílio incalculável para o estabelecimento de datas, origens e, às vezes, autenticidade; e fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores. Entretanto, ela não tenta elaborar a interpretação sozinha. Coleta e classifica a evidência, mas não se considera obrigada ou capacitada a investigar a gênese e significação dessa evidência [...]” (PANOFSKY, 2011, p. 53).

⁴ “[...] A descoberta e interpretação desses valores ‘simbólicos’ (que, muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem até diferir enfaticamente do que ele conscientemente tentou expressar) é o objeto do que se poderia designar por ‘iconologia’ em oposição a ‘iconografia’. [...]” (PANOFSKY, 2011, p. 53).

no País do Baurets (1972) e *Mutantes* (1969) de Os Mutantes, Gal Costa em *Gal* (1969), *Nascimento* (1974) único fonograma gravado pela banda Perfume Azul do Sol, e *Acabou Chorare* (1972) e *Novos Bahianos + Baby Consuelo no final do Juízo* (1971) da banda Novos Baianos.⁵

2 Produção do Rock

Covach e Flory (2018, p. 80) definem o *Rock'n'Roll* como um gênero musical que surgiu na década de 1950 nos Estados Unidos com influências musicais principalmente de *Rhythm & Blues*, *Country & Western*, *Mainstream Pop* e *Gospel*. A estrutura que permeia o rock apresenta nuances em sua composição, entretanto, em grande parte das performances observa-se o interesse em comum por uma sonoridade “alta”, por vezes esta, sendo eletrificada e com experimentação de timbres. A instrumentação deste gênero em sua formação clássica, consiste em uma ou duas guitarras elétricas, baixo elétrico, vocal – podendo ser solo ou com acompanhamento de *backing vocals* – e bateria. Para Groppo (1996), a popularização do rock foi resultado do interesse da indústria fonográfica pela música popular tendo a juventude como público-alvo, além do aprimoramento da tecnologia que estava sendo desenvolvida para a reprodução sonora – a exemplo da execução de guitarra e vocal amplificado –.

Desde os anos iniciais, a produção do rock esteve vinculada à proposta de comercialização e consumo. Para além da produção musical, o rock apresenta um diálogo direto com a indústria cultural refletido em um rápido aperfeiçoamento de práticas de comercialização de itens, por exemplo, brinquedos e chocolates. É possível também mencionar a venda de elementos que remetem ao lado visual e musical do artista, como, pôsteres, revistas, roupas, botons, além, da comercialização visual, que no caso dos anos 1960, esteve presente na produção de filmes, clipes e programas de televisão. O conteúdo da imagem presente no rock é um elemento vital “para a formação de gostos culturais para a dança, moda e comportamento” (COVACH e FLORY, 2018, p. 21)⁶, logo, a imagem produzida perpetua para além da produção musical, ganhando assim, amplitude na concepção de moda, estilo e atitude.

⁵ A respeito da produção fonográfica gravada pelo grupo nos anos 1970, o grupo gravou os álbuns *É Ferro na Boneca!* (RGE, 1970), *Acabou Chorare* (Som Livre, 1972), *Novos Baianos F.C.* (Continental, 1973), *Novos Baianos* ou *Alunte* (Continental, 1974), *Vamos pro Mundo* (Som Livre, 1975), *Caia na Estrada e Perigas Ver* (Tapecar, 1976), *Praga de Baiano* (Tapecar, 1977) e *Farol da Barra* (CBS, 1978). Dentre os compactos duplos, destaca-se a produção de *Novos Bahianos* (RGE, 1970), *Baby Consuelo + Novos Baianos no final do Juízo* (Philips, 1971) e *Trio Elétrico Novos Baianos* (CBS, 1979).

⁶ “[...] Várias formas de mídia baseada em vídeo - incluindo televisão, filmes e videocliques - permitiram que os músicos de rock alcançassem o público tanto visual quanto auditivamente. Assim, as imagens do rock têm sido vitais para a formação de gostos culturais pela dança, moda e comportamento que não teriam sido possíveis sem a combinação da música rock com a imagem em movimento. Embora o ouvinte comum muitas vezes tenha

No que remete à arte visual dos discos, tendo como influência o movimento hippie, contracultura e *pop art*, a rápida popularidade do rock psicodélico na segunda metade da década de 1960, trouxe para o cenário musical um novo vocabulário visual de apresentação no rock. Com um maior diálogo entre os artistas do âmbito visual e musical, durante as décadas de 1960 e 1970 foi realizada de maneira expressiva uma exploração de novos recursos utilizando fotografia, ilustração, pintura e colagem na produção do rock psicodélico e progressivo, no tropicalismo e na MPB.

3 Participação feminina no rock psicodélico

A respeito do rock psicodélico, segundo Covach e Flory (2018), este subgênero surgiu no underground e em pouco tempo foi inserido no *mainstream* inglês e norte americano. Na Inglaterra, foi popularizado com The Beatles em 1966 pelo álbum *Revolver* e *Sgt pepper lonely hearts club band* (1967), por Pink Floyd pelo álbum de estreia *The piper at the gates of dawn* (1967), pela banda Cream, entre outros. Nos Estados Unidos, com forte interesse na estética hippie, destacam-se aqui as bandas Jefferson Airplane, The Doors, Love, Velvet Underground, The Grateful Dead, Janis Joplin e Big Brother and the Holding Company e Jimi Hendrix – ressalta-se que estes dois últimos artistas apresentaram também como interesse a fusão do blues com o psicodélico, como, por exemplo, o álbum *Are you Experienced* (1967) de Hendrix–.

O conteúdo das letras neste subgênero faz relação direta ou indireta à utilização e efeitos de *cannabis*, LSD⁷ e cogumelos alucinógenos,⁸ substâncias estas que auxiliariam na expansão do consciente, uma busca por novas interpretações do próprio indivíduo e reflexão acerca das relações humanas. Observa-se também temáticas em alusão ao exotérico, fantástico,⁹ natureza, crítica social através da ironia e uma mudança na forma da escrita e narrativa – neste

experiência com os aspectos visuais do rock, ao estudar rock em um ambiente acadêmico é informativo considerar a relação entre música e imagens. Por exemplo, ao assistir a uma apresentação musical em vídeo, é importante observar se os músicos tocam ao vivo ou dublando uma faixa de áudio pré-gravada [...]” (tradução minha) “[...] Various forms of video-based media – including television, films, and music videos – have enabled rock musicians to reach audiences visually as well as aurally. Thus, images of rock have been vital to the formation of cultural tastes for dance, fashion, and behavior that would not have been possible without the combination of rock music with the moving image. Although the average listener often has experience with the visual aspects of rock, when studying rock in an academic setting it is informative to consider the relationship between music and images. For one, when viewing a musical performance on video it is important to observe whether the musicians perform live or lip- synch to a prerecorded audio track. [...]” (COVACH e FLORY, 2018, p. 21)

⁷ Exemplo, “Lucy in the Sky with Diamonds” (1967) de The Beatles.

⁸ Por exemplo, “White Rabbit” de Jefferson Airplane.

⁹ A canção “The Gnome” (1967) de Pink Floyd faz referência a elementos da literatura fantástica anglo-saxônica como fadas e gnomos.

caso se referindo ao concretismo produzido por Augusto de Campos e explorado pelas bandas aqui selecionadas, principalmente, por Luiz Galvão, poeta do grupo Novos Baianos¹⁰ –.

A instrumentação apresenta inovações nos efeitos sonoros, a exemplo da utilização do efeito *wah wah*¹¹ na guitarra, e a utilização de outros instrumentos, como, sintetizadores¹², teremim¹³, cítara¹⁴, instrumentos de percussão brasileiros e instrumentos de sopro – por exemplo, a flauta, instrumento este popularmente utilizado no rock neste período, principalmente no psicodélico e progressivo, a exemplo das canções “Cosmik Debris” de Frank Zappa e “Bourée” de Jethro Tull, em um contexto internacional ou “Caminho de Pedro” de Novos Baianos e “Panis et Circensis” de Os Mutantes no caso brasileiro –.

A partir do rock psicodélico – e com números discrepantes no rock progressivo –, o número de mulheres atuantes diminuiu consideravelmente se comparado com a produção do pop rock desenvolvido pela Jovem Guarda no mesmo período durante a década de 1960. Segundo Suárez (2003, p. 14)¹⁵, o rock apresenta “[...] a participação eminentemente masculina, onde a maioria dos grupos de rock são compostos por homens, e quando se tem a presença da figura feminina, ela está relacionada ao papel tradicional de cantora [...]”. Algumas dificuldades também atravessam músicos do sexo masculino, a exemplo de questões econômicas, todavia, não necessariamente as causas para um número relativamente menor de mulheres na música popular está associado somente ao poder econômico. Segundo a autora, é possível observar que impedimentos ideológicos contribuíram para certas dificuldades impostas nas atividades musicais realizadas por mulheres. Indo para além do conceito da música, Green (1997) na introdução de seu livro ressalta que o patriarcalismo, dentro de uma estrutura social, atua diretamente nas relações de poder – associado aos poderes econômicos, psíquicos e discursivos – e na balança desigual de divisão de atividades entre homens e mulheres. O próprio patriarcalismo também condiciona os papéis e características em como gêneros devem atuar, auxiliando na construção de ideia dicotômica de gênero, como se não houvesse possibilidade

¹⁰ A exemplo de “Ao Poeta” (1974) de Novos Baianos.

¹¹ *Wah wah* é um pedal de efeito que possui dois extremos, sendo um aberto em que se dá mais ênfase nas frequências mais agudas, enquanto o outro extremo, dá ênfase nas frequências mais graves. Esta transição gera um som em que há uma onomatopeia do som gerado pelo pedal dá o nome de *wah wah*.

¹² Como por exemplo “Light My Fire” (1967) de The Doors e o álbum *The piper at the gates of dawn* (1967) de Pink Floyd.

¹³ Exemplo de “2001 (dois mil e um)” (1969) de Os Mutantes.

¹⁴ A banda The Beatles utilizou a cítara no álbum *Revolver* (1966) e *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967) visto o interesse pelos instrumentos orientais. Esta prática se tornou algo característico da contracultura inglesa e em partes da norte americana que consistia da adoção de costumes, comidas, roupas e religião indianos.

¹⁵ “[...] Pero al observar este fenómeno desde el punto de vista de género se pone de manifiesto su carácter eminentemente masculino. En la mayor parte de los grupos todos sus componentes son hombres y, en el caso de que haya alguna mujer, suele situarse en el tradicional rol femenino de cantante. [...]” (SUÁREZ, 2003, p. 14)

de transição e comunicação entre “as duas lacunas” binárias entre masculino e feminino (TORRAS, 2007).¹⁶

A respeito da produção feminina no rock psicodélico em contexto brasileiro, Rita Lee foi uma das figuras principais para a popularização deste subgênero em território nacional. De 1968 a 1974, ao lado de *Os Mutantes*, a artista desenvolveu o experimentalismo no rock psicodélico sendo a figura fundamental que enfatizou o caráter mais cômico e irônico do grupo, tanto em suas letras quanto na projeção de voz em suas performances. *Os Mutantes* desenvolveu a construção e aperfeiçoamento de instrumentos musicais através da compra de equipamentos internacionais, como também, a recriação de instrumentos, proposta esta que foi realizada por Cláudio Baptista¹⁷. Com arranjos de Rogério Duprat para os três primeiros álbuns gravados pela Polydor *Os Mutantes* (1968), *Mutantes* (1969) e *A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado* (1970), o grupo explorou a psicodelia atrelada ao tropicalismo, já os álbuns *Jardim Elétrico* (1971) e *Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets* (1972), direcionam para o experimentalismo realizado pelo rock progressivo.¹⁸

¹⁶ “[...] Existen muchos cuerpos diferentes, mas resistimos que ninguém escape de ser (de) homem ou (de) mulher: duas possibilidades únicas para um grande número de materializações corporais diversas. Ou, de fato, uma única possibilidade, na medida em que esse par é apresentado como contrário e complementar. Ou você é uma mulher ou um homem, você pertence a uma das duas categorias e você participa irrevogavelmente de uma maioria substancial de seus mais atributos de definição (enquanto o outro é definido pela falta deles). Ser categorizado como mulher e faltar dois dedos do pé esquerdo faz com que você *menos mulher* em *menor* grau do que se você tivesse que sofrer uma mutilação de mama, por exemplo: ambos são partes do corpo, mas uma tem um poder de identidade sexual maior que outra, é considerada uma *marca* de feminilidade. [...]” (Grifo da autora, Tradução minha). “[...] Hay muchos cuerpos distintos pero nos resistimos a que ninguno escape a ser (de) hombre o (de) mujer: dos únicas posibilidades para una enorme cantidad de materializaciones corporales diversas. O, en realidad, una sola posibilidad en tanto que ese par se presenta como contrario y complementario. O se es mujer o se es hombre, se pertenece a una de las dos categorías y se participa irremisiblemente de una mayoría substancial de sus atributos más definitorios (en tanto que el otro se define por la falta de ellos). Estar categorizada bajo la etiqueta mujer y que te falten dos dedos del pie izquierdo te hace *menos mujer* en *menor* grado que si has tenido que sufrir una mutilación mamaria, por ejemplo: ambas son partes del cuerpo pero una posee un poder identitario sexual mayor que otra, es considerada una *marca* de feminidad. [...]” (TORRAS, 2007, p. 12)

¹⁷ “[...] Aquele som todo dos Mutantes, os instrumentos estranhos, eram todos feitos na garagem da casa dos irmãos Baptista. Sendo que o mais velho é o que era o responsável pelo som [...]”. Informação retirada de fala de Rita para o documentário *Rita Lee – Ovelha Negra* (2007).

¹⁸ A respeito da produção da banda Os Mutantes ainda na década de 1970, é possível mencionar o álbum com forte influência no rock progressivo intitulado *Tudo feito pelo Sol* em 1974, porém, não apresenta em sua formação a presença de Rita Lee.



Fig. 1 – Detalhe da contracapa do álbum *Mutantes*, Polydor, 1969

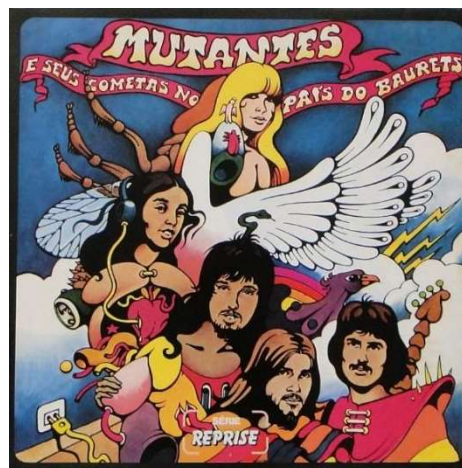


Fig. 2 – Capa do álbum *Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets*, Polydor, 1972

Neste período de consolidação e popularização do conjunto, a incorporação do *happening*, (Fig. 1) a confecção e proposta de figurinos, eram pensados por Rita Lee para as performances ao vivo. A arte presente na contracapa de *Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets* (1972) (Fig. 2), indica a psicodelia através de uma caricatura da imagem do grupo. Analisando as duas imagens selecionadas, observa-se uma diferente proposta visual interpretada pelo grupo. Na primeira imagem, que se remete à contracapa do segundo disco do grupo, as cores predominantes são escuras além do comportamento corporal apresentar rostos rígidos e sérios olhando para a câmera, em contraste com a capa do quinto álbum do grupo – e último com a contribuição de Rita Lee – que apresenta cores vívidas, baixo elétrico e feições mais relaxadas. Através destas duas imagens, é possível constatar a diversificação na performance visual da banda Os Mutantes tanto na produção artística do design em si, como também, da performance corporal presente no disco como um produto.

Outro trabalho de importância para o início da década de 1970 foram Rita Lee e Lucinha Turnbull com o projeto de álbum homônimo *Cilibrinas do Éden* de 1972. Lucinha também acompanhou durante um período Rita no conjunto Tutti Frutti iniciado no ano seguinte. Ainda no círculo social de Rita, Suely Chagas foi uma figura importante na década de 1960, tanto pelo seu trabalho com Lee no grupo vocal The Teenage Singers, como também no trabalho Suely e Os Kantikus, projeto este iniciado após o período que Suely havia estudado fora do Brasil. Nesta segunda produção, foi possível encontrar um compacto simples do grupo onde apresentam-se influências do tropicalismo e da psicodelia.¹⁹

¹⁹ Disponível em: < <https://youtu.be/IJpzPFo64rg>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

A figura de Rita Lee, que no primeiro momento, ganhou popularidade em Os Mutantes, desvinculada deste grupo, teve seu trabalho solo direcionado para o rock e pop-rock, atuando também com outros conjuntos, como, por exemplo, Tutti Frutti. As letras de suas canções tinham como temas o imaginário romântico, sexo e sobre o corpo da mulher – sem necessariamente a colocar como símbolo sexual – temas estes, que ainda eram um tabu para a indústria musical. Nos anos 1980, Rita iniciou uma parceria musical de grande importância para a sua carreira com o seu companheiro Roberto de Carvalho.

Assim como Os Mutantes, Gal Costa e outros adeptos do movimento tropicalista, utilizaram como estética elementos do que poderia ser apontado como ultrapassado e cafona, prática esta influenciada pela contracultura inglesa e norte-americana. Os álbuns *Gal Costa* (1968) e *Gal* (1969), produzidos pela gravadora Phillips, apresentam pelos arranjos de Rogério Duprat, um material próximo ao que estava sendo produzido por artistas internacionais de rock psicodélico do período. A projeção de voz da cantora aponta, em alguns momentos, para uma possível influência de Janis Joplin, assim como, a guitarra de Lanny Gordin²⁰ se assemelha com propostas desenvolvidas por Jimi Hendrix. A instrumentação destes dois discos consiste em diferentes utilizações de instrumentos de sopro, tendo a formação clássica de rock (com baixo, guitarra e bateria), com instrumentos de percussão acústicos, como, por exemplo, o atabaque. Nos dois discos, Gal transita por suas influências no rock psicodélico, *rock'n'roll*, assim como, apresenta um diálogo com a Jovem Guarda, tropicalismo, como também, o interesse da cantora pela bossa nova – a exemplo da canção “Saudosismo”.

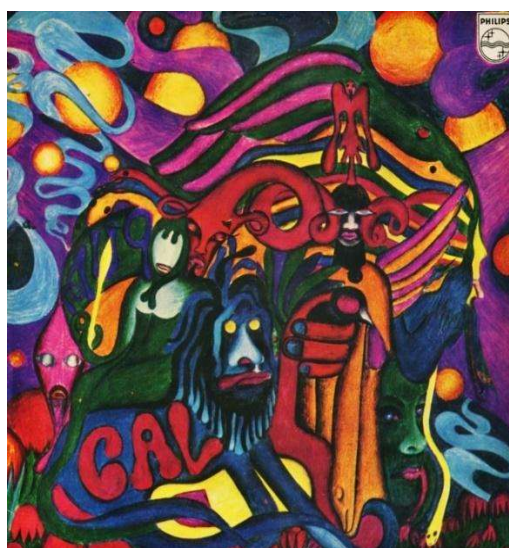


Fig. 3 – Capa do álbum *Gal*, Philips, 1969.

²⁰ “[...] Ao longo de sua carreira, participou de discos de vários artistas, como Gal Costa, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ana Maria & Maurício, Erasmo Carlos, Tim Maia, Trio Mocotó, Eduardo Araújo, Jards Macalé, Rita Lee, Chico César e Vange Milliet, entre outros. [...]”. Disponível em: <<https://dicionariompb.com.br/lanny-gordin/dados-artisticos>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

A arte proposta para capa de *Gal* (1969) (fig. 3), faz referência ao fantástico e psicodélico, tendo o perfil da cantora representado ao lado direito da imagem. As cores utilizadas na composição da imagem perpetuam entre os tons quentes e experimentação de tons frios, a exemplo da figura do que parece ser um leão, onde a utilização do azul escuro, contrasta com a cor do amarelo vibrante dos olhos do animal e os dizeres “Gal” em letras garrafas vermelhas. As ondas em rosa, verde e amarelo no centro da imagem e as ondas azuis no canto superior esquerdo e inferior direito, dão uma sensação de perspectiva, como se as figuras presentes estivessem em primeiro e segundo plano, ao mesmo tempo, que parece que todos os elementos visuais aparentam estar um mesmo plano de profundidade. Um dos exemplos tradicionais da arte visual psicodélica, é buscar uma constante nuance de percepção de planos visuais e também da perda de perspectiva visual, remetendo aos efeitos visuais causados pela utilização de substâncias – naturais e sintéticas – psicodélicas.

Com poucas músicas lançadas em compactos simples ou na produção de um único LP, foi encontrado o trabalho de algumas bandas de rock progressivo e psicodélico que apresentavam mulheres em sua formação, dentre elas: Equipe Mercado, O Bando, Perfume Azul do Sol e A tribo.

Equipe Mercado foi um grupo formado no Rio de Janeiro por Diana, Leugruber, Ricardo Ginsburg, Stul, Carlos Graça e Ronaldo Periassu. Na década de 1970 o grupo apresentou passagens significativas pelo rock psicodélico apesar de possuir pouco material fonográfico. Da Equipe Mercado surgiu o trabalho da dupla Diana & Stul. Também com pouco registro fonográfico, foi possível encontrar a gravação de um compacto simples pela RCA Victor (1972) com as canções “Ai que dor” de Diana e Ronaldo Periassu, e “Não é preciso correr” de Stul acompanhados do conjunto Talismã.²¹

A cantora Marisa Fossa, do conjunto O Bando formado em São Paulo, apresentou um álbum de mesmo nome, gravado em 1969, com uma sonoridade próxima do psicodélico, entretanto, não foi possível encontrar muitas informações acerca da artista. Joyce Moreno também trabalhou elementos rock progressivo e psicodélico em suas canções em fusão com o jazz na banda A Tribo, na qual contou com a participação de Toninho Horta, Nelson Ângelo, Novelli, Naná Vasconcelos e Nenê. Ressalta-se também, a produção de Luiza Maria em *Eu queria ser um anjo*, disco este que apresenta o rock psicodélico e progressivo do cenário internacional com características em comum ao que estava sendo produzido na MPB. Além do

²¹ Informação disponível em: <http://www.dianadasha.com/clipping/diana_stul/diana_stul.html>. Acesso em: 12 jul. 2021.

rock rural, com a produção de Luli & Lucina no compacto *Flor Lilás* desenvolvido por Lucina pela Som Livre (1972) e o disco *Luli & Lucina* de 1979.

Ana Guedes – vocais e piano – junto com Benvindo,²² produziram o disco *Nascimento* (1974), único fonograma gravado pela banda Perfume Azul do Sol. As letras das canções, também de autoria de Ana Guedes, refletem sobre o misticismo, a era de aquário, e outros temas que influenciaram o cenário psicodélico, como, por exemplo, a estrada. As diversas influências que estavam atravessando o rock no período foram sintetizadas neste disco com a exploração de elementos musicais do rock rural, progressivo e psicodélico.

A arte visual da capa de *Nascimento* (fig.4), apresenta a dualidade da natureza para com o concreto, representado pelas paredes deterioradas e os tubos com o aparato branco. Remetendo à ideia do fantástico, o céu também apresenta ondas, assim como o mar, em contraste com as nuvens estáticas com traços bem definidos. Novamente, a temática envolvendo ondas aparece como uma quebra de perspectiva de distância, ainda que nas mesmas ondas é possível observar uma espécie de raio de sol o que auxilia no entendimento de profundidade da imagem.

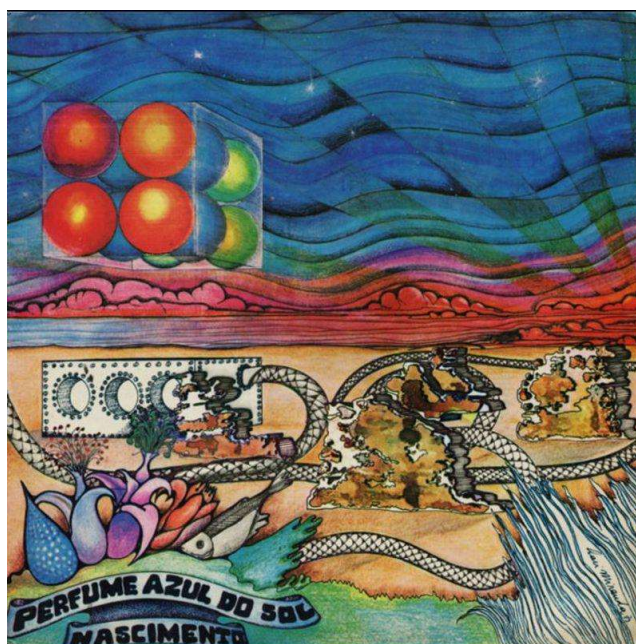


Fig. 4 – Capa do álbum *Nascimento*, Chantecler, 1974

22

“[...] O guitarrista do Perfume Azul era o Jean, o mesmo da minha primeira banda em SP, a Enigmas. Ele me chamou para gravar o baixo e eu fui. Isso foi um pouco antes do Snegs [álbum da banda Som Nosso de Cada Dia], inclusive. As músicas eram todas da Ana Maria, vocalista, e do Benvindo. Era uma coisa muito louca, uma mistura bem psicodélica. [...]”. Entrevista: Pedro Baldanza (Som Nosso de Cada Dia). Disponível em: <<http://rockprogressivo.esy.es/entrevista-pedro-baldanza-som-nosso-de-cada-dia/>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

Outra artista de grande importância para a produção do rock psicodélico no Brasil foi Baby Consuelo, hoje Baby do Brasil. Com uma vasta produção fonográfica, a figura de Baby destaca-se no cenário brasileiro pelo seu interesse na fusão do rock com outros gêneros musicais brasileiros, buscando assim, encontrar novos significados para a “brasilidade” em sua produção musical. Dentre as influências que atravessaram Baby Consuelo e Novos Baianos, grupo no qual fazia parte na década de 1970, destaca-se a contracultura (VARGAS, 2011), ritmos e gêneros musicais brasileiros, o futebol, carnaval, trio elétrico e a psicodelia. Por ser realizado em um período mais “tardio” tendo como primeira produção fonográfica somente em 1970 – o álbum *É ferro na boneca!* –, a psicodelia desenvolvida pelos Novos Baianos tem uma sonoridade diferente do que poderia ser observado, por exemplo, nos anos iniciais de aprimoramento deste subgênero musical – a exemplo da banda Os Mutantes –, principalmente pelo interesse do grupo em desvencilhar o rock de influências estrangeiras e se aproximar de gêneros brasileiros e artistas da MPB.

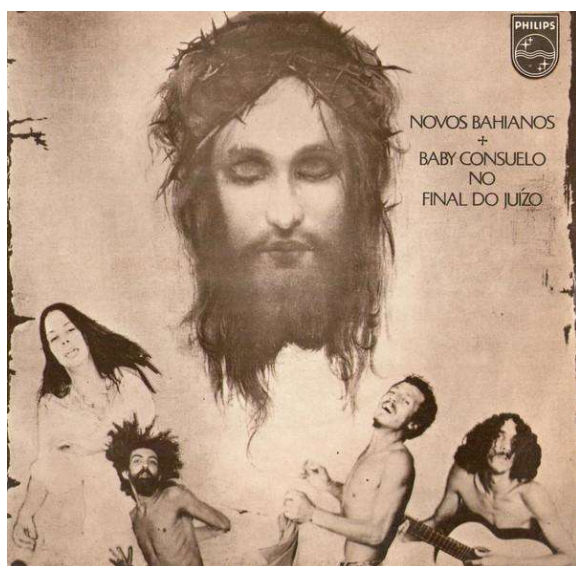


Fig. 5 – Capa do compacto *Novos Bahianos + Baby Consuelo no final do Juízo*, 1971, Philips.



Fig. 6 – Contracapa do LP *Acabou Chorare*, 1972, Som Livre.

Nas capas selecionadas do grupo, na contracapa de *Acabou Chorare* (fig. 6), observa-se a colagem sobreposta de fotografias. Em primeiro plano – provavelmente Buchinha, filha de Paulinho boca de Cantor com Marília Aguiar – e, ao fundo, um dos integrantes da banda. Percebe-se, pela cor vermelha da roupa do integrante, que a montagem apresenta três ou quatro posições diferentes representadas em uma mesma imagem. A capa de *Novos Bahianos + Baby Consuelo no final do Juízo* apresenta uma colagem preto e branco dos integrantes em diferentes posições, tendo também como evidência uma representação de Jesus Cristo retirada

da residência de Sônia e Jucélio Dutra, conhecidos do grupo (AGUIAR, 2020). Os integrantes masculinos estão sem camisa e em posição despojadas aparecendo com um instrumento musical na capa. A escolha da utilização do violão tocado por Moraes na capa disco, levando em consideração que a guitarra elétrica é um símbolo mais utilizado no rock, aponta para um diferente direcionamento que o grupo estava tomando em relação aos artistas atuantes na indústria fonográfica do período.

4. Considerações finais

Através desta análise preliminar, constata-se que as diferentes leituras do rock psicodélico no âmbito visual, apresentam a psicodelia, o fantástico, a exploração de cores e por vezes caricaturas dos próprios artistas, como um novo tipo de manifestação artística indo para além da concepção de fotografia e em âmbitos mais “tradicionais” de manifestação corporal do artista como estava sendo desenvolvido anteriormente. Mesmo com as diferentes propostas visuais, assim como sonoras, é possível constatar uma certa homogeneidade na produção visual dos grupos, característica comum para inserção e identificação de bandas atuantes neste subgênero em específico. É interessante mencionar, que no rock psicodélico e progressivo, não necessariamente a fotografia do artista está vinculada no encarte de seu disco, diferente do que estava sendo produzido até então no pop rock dos anos 1960.

A partir do tropicalismo, com a produção de Rita Lee em Os Mutantes e Gal Costa com álbum solo, o rock psicodélico ganhou espaço de atuação no mercado fonográfico nacional. Por influência da contracultura, as letras das canções apresentam como temática o envolvimento com a natureza, a ironia, a utilização de substâncias psicoativas, *cannabis* e a constante busca pela representação da juventude. Uma característica em comum presente nas bandas aqui citadas seria o interesse da indústria fonográfica em desvencilhar a concepção de um artista interessado no lucro produzido pela indústria cultural, com isso, é de interesse do movimento artístico deste período, ressaltar a produção da música pela música, como se fugisse de um interesse pela questão financeira.

Mesmo com um número menor de mulheres atuantes no rock psicodélico brasileiro nos anos 1960 e em meados de 1970, observou-se uma mudança na produção feminina vinculada à indústria cultural, além de uma mudança significativa se comparado ao que estava sendo desenvolvido no rock mais próximo do pop rock. A produção feminina se encontra mais presente no fazer musical dos grupos citados, assim como, as temáticas levantadas nas letras se afastam das concepções desenvolvidas do amor romântico que é explorado pela Jovem Guarda. A figura feminina também se apresenta, assim como a masculina, com uma maior liberdade do

corpo nos encartes de disco e uma maior exploração da experimentação visual, fugindo de uma forma mais tradicional da produção visual.

Referências

- AGUIAR, Marília. *Caí na estrada com os Novos Baianos*. 1 ed., Rio de Janeiro, Ago, 2020.
- ALFREDO, Jorge. Baby Consuelo traça o que der e vier. *Correio Braziliense*, Brasília, 7 abr. 1979, Ed. 5909. Segundo Caderno, p. 18-19 Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/119685>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- COVACH, John Rudolph; FLORY, Andrew. *What's that sound?: an introduction to rock and its history*. New York, N.Y.: W.W. Norton & Company, 2018.
- GREEN, Lucy. *Music, gender, education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GROPPO, Luís Antonio. *O rock e a formação do mercado de consumo cultural juvenil: a participação da música pop-rock na transformação da juventude em mercado consumidor de produtos culturais, destacando o caso do Brasil e os anos 80*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo, 1996.
- NOGUEIRA, Isabel Porto. “Para ser bonita e bela não preciso andar ornada”: a construção da diva na música brasileira popular e de concerto entre 1950 e 1960. In: ANAIS DO 10º ENCONTRO INTERNACIONAL DE MÚSICA E MÍDIA, 2014, p. 518-534.
- RESENDE, Victor Henrique de. Performances musicais no rock brasileiro dos anos 1970, por meio de análises de capas de discos. *Revista Vórtex*. Curitiba, v.4, n.1, p.1-13, 2016.
- SUÁREZ, Laura Viñuela. La construcción de las identidades de género en la música popular. *Dossiers feministes*, n. 7, 2003, p. 11-32.
- TORRAS, Meri. El delito del cuerpo, In: Meri Torras (ed.), *Cuerpo e identidad I*. Barcelona: Edicions UAB, 2007, p. 11-36.
- VARGAS, Herom. _____. Tinindo trincando: Contracultura e rock no samba dos novos baianos. *Contemporânea | comunicação e cultura*, v.09, n.3, setembro-dezembro, p. 461-474, 2011.